

O Gênero para além do sexo: discussões a partir de uma etnografia na vela de Niterói (RJ)¹

Luiz Fernando Rojo (UFF/RJ)

Palavras-chave: Gênero, sexo, esporte

Neste trabalho pretendo consolidar algumas das questões sobre relações de gênero que desenvolvi durante minha última pesquisa, entre praticantes da vela na cidade de Niterói. Durante três anos e meio realizei um trabalho de campo, fundamentalmente a partir de observação participante em um dos clubes de vela mais tradicionais desta cidade, no estado do Rio de Janeiro. Em particular, pretendo pensar as categorias analíticas de sociabilidade “homogênero” e “heterogênero”, para pensar algumas das relações sociais vivenciadas neste contexto, que ultrapassam, sem as negar, as demarcações exclusivamente organizadas pelo sexo biológico.

“A sua pesquisa é sobre gênero na vela??? Então, escreve aí no seu bloquinho que eu não sou uma mulher igual a Nádia, não!”

Sempre que eu penso sobre os aspectos de gênero envolvidos neste trabalho eu me recordo desta frase que Marisa, uma das primeiras velejadoras com as quais travei contato, me disse quando estávamos dentro de um Dingue, durante a minha primeira regata, na qual participei um pouco por acaso. Eu tinha recém começado minhas aulas de vela e eu ainda não me sentia capaz de competir. Portanto, quando me informaram, logo ao final da aula de sábado, de que no domingo haveria uma regata de comemoração do aniversário de fundação do clube, eu me preparei para apenas acompanhá-la o mais de perto possível:

“Este é um dos dias mais esperados aqui. É uma regata, com prêmios e tudo, mas é antes de tudo uma grande festa, com cerveja, coca-cola e cachorro-quente. É uma regata de revezamento, com as pessoas esperando ali (apontando para uma plataforma de madeira perto do píer) para trocar as tripulações e é sempre muito engraçado, principalmente depois de algum tempo, quando o pessoal já bebeu

¹ “Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.”

bastante!” (um dos proprietários da escola de vela, no dia antes da regata das 6 horas de São Francisco).

Então, eu estava lá naquela fria manhã de domingo desde bem cedo, acompanhando os arranjos para a prova. As pessoas, pouco a pouco, foram chegando para arrumar seus barcos e, no caso da escolinha, definir as tripulações (duas pessoas para revezarem na Laser e quatro para a Dingie, as duas classes nas quais fazíamos nossas aulas e treinos). Durante este período, ia fazendo minhas observações e conversando com as pessoas da escola, procurando saber um pouco mais sobre o preparo dos barcos para a prova, até que ocorreu uma situação inesperada. O horário para a finalização das inscrições estava se aproximando quando Nádia – uma mulher em torno dos trinta anos de idade – disse que não poderia participar durante todo o tempo da regata, uma vez que seu marido estava chegando de viagem e ela precisava estar em casa para preparar seu almoço. Sua proposta era correr apenas a primeira parte do revezamento, mas o regulamento não permitia esse tipo de substituição.

Isso criou um problema, uma vez que havia apenas quatro pessoas para compor a tripulação do Dingie: a própria Nádia, Marisa e dois primos. Sem muito tempo para procurar por mais alguém que estivesse por ali ainda sem tripulação e precisando fazer a inscrição, um dos instrutores da escolinha olhou para mim e disse: “vai você mesmo! É o melhor lugar para você fazer sua pesquisa e a gente precisa de mais alguém para completar a equipe!”. Prontamente recusei o convite, lembrando que tinha feito apenas duas aulas, com vento fraco e certamente iria atrapalhar muito mais do que ajudar, mas fui convencido com o argumento de que, se eu não participasse, eles não poderiam correr e tudo o que eu precisaria fazer era obedecer as instruções da Marisa quem, sendo a mais experiente, iria fazer dupla comigo. Além disso, como um dos dois primos enfatizou: “nós ficamos em último lugar no ano passado, então não se preocupe que seria impossível ficarmos pior”.

Então, quase quarenta minutos depois, me encontrei na proa do barco, com toda a minha atenção nos comandos de Marisa, torcendo para não fazer nenhuma grande besteira, quando, aproveitando o pouco vento que fazia, ela expressou sua curiosidade em relação à minha pesquisa e, ouvindo minhas explicações, me disse a frase com a qual iniciei este trabalho. Em seguida acrescentou que ela também tinha um namorado com quem vivia, mas que ela nunca pensaria em não correr uma regata para preparar a comida dele. Pelo contrário,

sabendo que ela chegaria cansada em casa, ele é que provavelmente estaria preparando um jantar para eles.

Este é o meu ponto de partida para este trabalho no qual falo sobre as limitações da categoria “mulher” como categoria analítica, seguindo aqui a crítica de Ortner (1996), como se a presença de alguns órgãos específicos no corpo pudesse determinar as identidades de gênero. É um ponto de partida o qual, seguindo Vale de Almeida (1998), estendo esta crítica para pensar do mesmo modo sobre a inviabilidade de “homem” como gênero e, portanto, tal como ocorre nas obras de Laqueur (2001) e Butler (2003), critico um ponto de vista que entende gênero como uma decorrência imediata dos sexos biológicos. Ao mesmo tempo, entretanto, concordo com Yanagisako (1988), quando ela diz que:

“Nós não podemos colocar de lado a categoria do sexo em nossas análises do gênero, porque este é o espaço discursivo a partir do qual nós começamos nossos estudos comparativos sobre o gênero. Mas, nós precisamos fazer isso sem esquecermos que o sexo é aquilo que é entendido, na América, como o núcleo central do gênero, sendo implícito que isto pode não ser a mesma coisa em outros contextos” (apud Vale de Almeida, 1998).

Estas referências teóricas são fundamentais para ajudar-me a pensar sobre as performances de gênero em um esporte no qual a dicotomia de sexo tem, no discurso nativo, uma significativa importância. Mas, como a frase de Marisa nos lembra, ela não é a única dimensão para entender a dinâmica das relações de gênero na vela.

Portanto, neste trabalho, eu irei começar com uma breve discussão de alguns aspectos da questão competitiva dentro deste esporte e como esta dimensão se relaciona com as expectativas de comportamento diferenciadas entre homens e mulheres neste ambiente.

Tentando construir algumas interpretações a partir deste contraste, eu centrarei minha atenção, na segunda parte deste trabalho, sobre os processos através dos quais as pessoas se tornam velejadoras, dialogando aqui com os trabalhos de Mendonça (2010), Leal (2013) e Nolte (2014), três das estudantes de graduação que desenvolveram suas monografias no âmbito do projeto que coordenei sobre gênero e corporalidade na vela de Niterói. Em cada um destes trabalhos, elas estudaram os impactos das relações familiares, bem como das

dimensões de gênero e do corpo entre crianças e jovens velejadores e, principalmente, como estes aspectos, após a barreira dos quinze anos de idade², influenciam na decisão de continuar ou não neste esporte e, em caso positivo, em qual classe e função esta sequência se dará.

Para concluir, eu irei discutir alguns aspectos da sociabilidade destes velejadores. Aqui, minha intenção é analisar os estilos verbais e corporais de conversação, bem como os modos pelos quais os grupos de amigos são construídos entre eles. Para isto, estarei me baseando não apenas em um trabalho anterior sobre amizades grupais (Rojo, 2001), mas também me utilizando uma vez mais de Butler (2003) para olhar para os padrões de homosociabilidade não em termos de relacionamentos sociais entre pessoas do mesmo sexo, tal como é tradicionalmente feito nos estudos de gênero, mas em termos de identidade de gênero, no sentido estrito em que estou usando este conceito.

Aspectos de gênero na ênfase sobre a competição

Quais mulheres competem e como elas constroem seus espaços na vela? Por outro lado, pensar quais homens optam por não competir, mesmo praticando a vela, e como estas decisões são significadas, neste contexto, em termos de identidades de gênero. Colocar estas questões me ajudou a questionar e a relativizar uma concepção de competição como o ápice e o “caminho natural” de qualquer prática esportiva.

Eu comecei a prestar atenção a este tema após uma conversa com Sílvia, durante uma regata que marcava o aniversário de um dos clubes de vela de Niterói, na qual ambos compartilhamos uma traineira³.

Assim que entramos na embarcação, ainda no píer do clube que sediava o evento, eu observei que havia poucas mulheres nos barcos que se encaminhavam para a linha de largada e comentei isso com Sílvia. Ela respondeu que muitas mulheres gostam de velejar apenas como lazer, por prazer, enquanto geralmente os homens exageravam o aspecto competitivo, mesmo em regatas festivas como aquela. Então, para ela, este era o principal motivo que

² Após os quinze anos de idade o velejador que iniciou sua formação na classe Optimist deve, necessariamente, procurar uma classe adulta ou abandonar o esporte. Ocasionalmente, como Leal identifica, essa transição pode se dar antes desta idade, mas nunca após a mesma.

³ Tipo de barco a motor. Normalmente, apenas a comissão de regatas utiliza uma traineira, para colocar as boias do percurso e para marcar a linha de largada e chegada. Nesta ocasião, em particular, outra foi disponibilizada para que fosse feita a cobertura fotográfica do evento.

explicava esta diferença entre homens e mulheres e concluía com o seu próprio exemplo, apontando para o barco no qual estavam seu marido e alguns amigos e dizendo que ela adorava velejar, mas não competir e que por isso ela estava ali fotografando enquanto seu marido estava se divertindo, disputando contra os demais.

Durante a regata, nos momentos em que não estava fotografando, ela repetiu por duas vezes seu ponto de vista crítico sobre o que chamou de “ênfase desproporcional na competição”. A primeira vez foi quando ela disse que eu deveria concentrar minha pesquisa na classe Optimist, na qual ela imaginava que eu poderia encontrar algumas crianças ainda não “contaminadas” por esta obsessão com ganhar a qualquer custo, embora muitos pais e técnicos estimulassem este tipo de comportamento desde muito jovem, o que era um absurdo para ela. A segunda vez foi quando ela me perguntou sobre como tinha sido a regata no dia anterior. Quando eu respondi que apenas um pequeno grupo de um único clube tinha permanecido para correr⁴, ela falou que era sempre assim, porque os técnicos querem treinar o tempo todo e não prestigiam regatas como aquela que era apenas comemorativa e não contava pontos para os rankings das diversas classes.

Estes comentários apontam para a mesma direção dos dados construídos por Leal (2013) em sua pesquisa na classe Optimist. Neste grupo, ela observou que, entre os iniciantes⁵, as meninas eram a maioria das que não desejavam competir. Havia, também, alguns meninos neste grupo dos que não gostavam de competir, principalmente alguns filhos de famílias tradicionais na vela. Este grupo de “herdeiros”, em geral, se dividia entre dois caminhos. Ou eles tiravam vantagem desta linhagem em termos de um conhecimento prévio sobre a vela e, muitas vezes, herdar o equipamento e barcos de parentes mais velhos ou eles entendem a vela como uma obrigação, imposta por seus familiares, se recusando a competir e/ou a desenvolver suas habilidades de velejadores.

Estas perspectivas parecem enfatizar a afirmação de Ortner (1996) de que a ênfase competitiva está conectada com a dimensão de gênero. É esta mesma autora que me ajuda a problematizar a associação direta entre a procura pelo “melhor rendimento possível” como o “objetivo natural” de qualquer prática esportiva:

⁴ A regata da véspera atrasou bastante tempo por conta da ausência de ventos e, com isso, muitas pessoas desistiram de participar.

⁵ Os velejadores, na escola de vela observada por Leal, eram divididos em três grupos: iniciantes, pré-regata e veteranos.

“Um dos problemas que perpassa através dos textos discutidos aqui é a tendência em ver as mulheres como identificadas com os jogos masculinos ou como peões nos jogos masculinos ou como, de qualquer forma, não tendo um ponto de vista autônomo ou intencionalidade. Ao final, o que transparece é que mesmo se as mulheres possuíssem seus próprios projetos, eles não organizariam significativamente as ordens culturais das práticas e das representações de gênero” (1996:16).

A questão que se coloca, para estes aspectos de minha pesquisa, portanto, não é aquela que pergunta as razões pelas quais as mulheres não jogam estes jogos “masculinos” na vela (as regatas), mas sim perguntar como os diferentes gêneros, neste esporte, atribuem significados às suas práticas esportivas.

Construindo gêneros na vela

Sem ter realizado um trabalho de campo diretamente relacionado com as crianças e com a maior parte dos jovens velejadores deste clube, eu irei aqui tentar sistematizar e oferecer minhas próprias interpretações – me valendo, inclusive, de um olhar de conjunto, que me permite uma perspectiva comparativa – sobre o trabalho de três orientandas que focaram, em suas pesquisas, estes grupos.

As crianças iniciam a prática da vela na classe Optimist, em um barco construído especificamente para oferecer as melhores condições para o aprendizado desse esporte, principalmente pelo seu formato retangular que, sendo completamente fora dos padrões aerodinâmicos, reduz a velocidade e aumenta a estabilidade do barco, permitindo que as crianças se sintam mais seguras neste primeiro contato com a vela. A idade em que se dá este primeiro contato é muito variável, mas Leal registrou que algumas famílias de velejadores já começam a levar seus filhos e filhas até mesmo com quatro anos de idade, mesmo que apenas para participar das atividades lúdicas desenvolvidas pela escola de vela. Estas atividades, como piqueniques na Ilha dos Carecas⁶ ou atividades com o barco na piscina do clube permitem que mesmo estas crianças, que ainda não são consideradas aptas a participar das

⁶ A Ilha dos Carecas é uma pequena ilhota, próxima da praia de São Francisco, na qual são realizadas diversas atividades lúdicas da escola de vela.

aulas mais tradicionais (o que geralmente acontece a partir dos seis anos), possam começar a vivenciar o ambiente deste esporte.

Assim, de acordo com o que estou desenvolvendo neste trabalho, isso implica que é a partir desta faixa etária que estas pessoas começam a ser socializadas, também, nas relações de gênero que são construídas neste espaço social. Ou seja, já ouvem falas como as de alguns professores como as que Leal observou em seu trabalho de campo:

“O Claudinho (8 anos) não conseguia fazer certo movimento de maneira correta e o professor falou: ‘faz isso igual homem. Você não é homem?’ E o menino respondeu: ‘Sou’ e o professor: ‘Então, faz igual homem’.

‘Quase no fim da aula a Isadora (10 anos) bateu no bote com o barco e o professor falou: ‘Barbeira! Mulher no volante perigo constante’” (2013:19).

Ao mesmo tempo, elas começam também a tomar contato com pessoas como Camila que, já veterana, era uma das principais competidoras da classe no Rio de Janeiro e no Brasil, participando inclusive de campeonatos internacionais e que, por diversas vezes, era não apenas a vencedora da categoria feminina, mas também da categoria aberta⁷.

Quais os efeitos que essa múltipla exposição a diferentes discursos e práticas, que poderíamos enfiar no conceito de “performances de gênero”, como o faz Butler (2003), tem na construção dos habitus destes jovens velejadores? Adotando a definição de habitus, como o faz Bourdieu, como sendo: “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, *integrando todas as experiências passadas*, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (1983:65, ênfase minha), fica a pergunta sobre como se processa esta integração quando estas experiências aparecem como contraditórias? Ou seja, como no caso etnográfico em questão, de que modo estas disposições duráveis articulam um habitus estável (e, mais do que isto, se esta articulação é possível) quando os discursos aos quais estas crianças e jovens são expostos, apontam simultaneamente para a desqualificação das habilidades esportivas de algumas mulheres e para a exaltação de outras?

⁷ A classe Optimist, dependendo da competição, pode premiar na categoria feminina (visto como uma espécie de incentivo para que mais meninas participem) e na categoria aberta, na qual tanto meninos como meninas disputam.

A proposta que apresento neste trabalho parte de uma tentativa de pensar de forma crítica sobre esta constituição do “habitus” em sua dimensão de gênero, algo que é implicitamente desenvolvido por Bourdieu (2007) na análise da dominação masculina. Neste trabalho, o autor desenvolve como se processa a transformação dos meninos em homens e das meninas em mulheres, entremeando dados de sua pesquisa entre os Cabila e algumas reminiscências de sua própria infância entre os camponeses franceses e conclui que:

“O mesmo trabalho psicossomático que, aplicado aos meninos, visa a virilizá-los, despojando-os de tudo aquilo que poderia neles restar de feminino – como no caso do ‘filho de viúva’ – assume, no caso das meninas, uma forma mais radical: a mulher estando constituída como uma entidade negativa, definida apenas por falta, suas virtudes mesmas só podem se afirmar em uma dupla negação, como vício negado ou superado, ou como mal menor. Todo o trabalho de socialização tende, por conseguinte, a impor-lhe limites, todos eles referentes ao corpo, definido para tal como sagrado, *h’aram*, e todos devendo ser inscritos nas disposições corporais. É assim que a jovem cabila interiorizava os princípios fundamentais da arte de viver feminina” (2007:37).

Nesta direção, poderíamos pensar que aquilo que tornaria alguém mulher seria a incorporação de um habitus feminino e, na mesma direção, o homem seria produzido por este habitus masculino. Parece ser deste modo, também, que Vale de Almeida entende a produção dos gêneros em Pardais, aldeia de Portugal na qual realiza sua etnografia:

“A pequena rapariga (gaiata) aprende a ser passiva neste sentido e o rapaz (gaiato) a ser activo, através da incorporação (no sentido de embodiment) destas características como habitus. Isto é visível nos jogos para os rapazes, que se baseiam na constituição de equipas e grupos extensos, com uma actividade física que cobre espaços vastos e públicos, com aspectos de competição pela chefia (...). Quanto às raparigas, nas suas actividades lúdicas é estimulada a destreza física circular e em espaços reduzidos (...) e a reprodução da vida familiar e da maternidade” (1998:60-61).

Entretanto, nestas duas situações, nos é apresentado um modelo no qual, como critica Butler (2003), a cultura seria destino, ou seja, que o “tornar-se mulher” de que nos fala Beauvoir – ou o “tornar-se homem”, nos termos de Bourdieu e Vale de Almeida – seria uma decorrência, no mínimo esperada, de seres biologicamente definidos como fêmeas e machos. Como consequência, este modelo também aparece enfatizando o gênero como sendo uma mera transposição para um idioma “culturalista” das dicotomias construídas a partir dos sexos biológicos:

“Haverá ‘um’ gênero que as pessoas possuem, conforme se diz, ou é o gênero um atributo essencial do que se diz que a pessoa é, como implica a pergunta ‘Qual é o seu gênero?’ Quando teóricas feministas afirmam que o gênero é uma interpretação cultural do sexo, ou que o gênero é construído culturalmente, qual é o modo ou mecanismo desta construção? Se o gênero é construído, poderia sê-lo diferentemente, ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência ou transformação? (...) Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído socialmente sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino”. (2003:26).

A análise de um processo de construção destes gêneros na vela, possibilitada pelo acompanhamento de variados momentos deste processo graças ao trabalho de pesquisa em equipe, conforme já apresentado, favorece a construção de algumas interpretações na direção destas questões levantadas por Butler no trecho acima. Ao mesmo tempo, a crítica a um determinismo aqui expressa, conforme a própria Butler enfatiza em trabalho mais recente, não significa a adoção de uma perspectiva calcada na livre escolha das identidades de gênero.

Entretanto, mais do que enveredar por esta antinomia entre estrutura e agência, o que ressalta é a necessidade de pensar uma concepção de agência que não se oponha à estrutura, mas que atue nas tensões decorrentes de uma vida social que é, desde a infância, atravessada por discursos e práticas que não são nem lineares nem unificados.

Assim, casos como os de Isadora, analisado por Leal, mostram como dentro da própria família podem ser encontrados dois habitus distintos que por vezes dialogam e por vezes duelam na procura de influenciar as práticas corporais e as identidades de gênero de seus filhos. Enfatizando que, nesta análise, não foi possível à pesquisadora aceder diretamente ao discurso da mãe, tanto o comportamento da própria Isadora – que tinha, neste momento, sete anos de idade – quanto a fala do pai e do professor da Optimist, apontam para esta dualidade de orientações que rompem, portanto, com a prática de que os filhos homens seguem necessariamente o caminho de “uma” masculinidade cujo pai é o modelo, enquanto as meninas “tornam-se mulheres” seguindo “um único” modelo de feminilidade.

“A mãe da menina não era de família de velejadores, e segundo o pai, não fazia questão que a menina velejasse, já que ela mesma tinha medo do mar. Isadora sempre demonstrava muito medo, mas era comum ficar muito contente e aceitar quando a proposta de velejar era feita diretamente por seu pai.”.

Em uma conversa que eu mesmo tive com este pai, ele enfatizava que não era obrigatório que ela velejasse, que o que ele queria era que ela praticasse algum esporte. Ele, como era velejador e vivia ali no clube, levava para velejar, mas se a mãe fosse levar para praticar natação, judô ou qualquer outro esporte ele aceitaria.

“O que eu não quero é que ela fique o tempo todo em casa, grudada no computador ou com aquelas amigas todas dentro de suas casas. Criança tem que sair, tem que fazer atividade física, tem que brincar e praticar esporte. A mãe colocou na cabeça dela que, se ela virar no barco vai morrer e o que eu não quero é que a minha filha cresça assim com medo de tudo, que nem a mãe”.

Isadora, portanto, é simultaneamente submetida a diferentes discursos e a práticas que tanto enfatizam o medo como uma característica “feminina” quanto que procuram orientá-la no sentido de romper com este tipo de estereótipo. Como abordei anteriormente, estas múltiplas vozes são também encontradas no próprio clube de vela, no qual diversos modelos de “masculino” e de “feminino” competem entre si e, podemos supor, são igualmente encontradas na escola e nos demais espaços de sociabilidade em que seja Isadora, seja o conjunto de crianças e jovens são socializados.

“O habitus adquirido na família está no princípio da estruturação das experiências escolares (...), o habitus transformado pela ação escolar, ela mesma diversificada, estando por sua vez no princípio da estruturação de todas as experiências ulteriores (...) e assim por diante, de reestruturação em reestruturação. As experiências (...) se integram na unidade de uma biografia sistemática que se organiza a partir da situação originária de classe, experimentada num tipo determinado de estrutura familiar. Desde que a história do indivíduo nunca é mais do que uma certa especificação da história coletiva de seu grupo ou de sua classe, podemos ver nos sistemas de disposições individuais variantes estruturais do habitus de grupo ou de classe, sistematicamente organizadas nas próprias diferenças que as separam e onde se exprimem as diferenças entre as trajetórias e as posições dentro ou fora da classe. O estilo “pessoal”, isto é, essa marca particular que carregam todos os produtos de um mesmo habitus, práticas ou obras, não é senão um desvio, ele próprio regulado e às vezes mesmo codificado, em relação ao estilo próprio a uma época ou a uma classe” (Bourdieu, 1983: 80-81).

Logo, o exemplo de Isadora que apenas individualiza uma característica amplamente compartilhada, chama a atenção para a pluralidade de modelos que ora se articulam, ora conflitam. Na próxima seção, irei desenvolver como esta pluralidade de habitus, com as quais as pessoas lidam nos espaços de sociabilidade, – focando, aqui, fundamentalmente na sociabilidade vivida dentro do clube no qual realizei esta pesquisa – se relacionam com a construção de identidades de gênero contextuais. Aqui, para finalizar esta seção, busco

analisar o impacto desta ruptura com um modelo hegemônico de estruturação do habitus em relação ao conceito de agência, retomando uma pergunta que esteve presente já em minha tese de doutorado: “o que acontece quando pessoas se encontram sujeitas a duas ou mais ‘gramáticas’ diferenciadas?” (Rojo, 2012: 168).

Naquele momento afirmava que “se torna necessário pensar uma autonomia maior para o agente, para além de ser apenas um operador prático das estruturas inconscientes do habitus” (2012: 168) para poder interpretar os trânsitos entre diferentes habitus – ou seja, entre mais do que simplesmente variações comportamentais a partir de uma mesma estrutura. Os dados construídos na presente etnografia, ao remeter este processo para o espaço de constituição dos primeiros habitus, com crianças e jovens adolescentes constituindo múltiplos espaços de sociabilidade, tanto entre si quanto com diferentes adultos, não apenas familiares, enfatiza esta dimensão da construção das identidades sociais como um processo simultaneamente estruturado por dimensões que vão além da consciência reflexiva dos agentes, mas que sustenta um espaço de agência dos sujeitos que ultrapassa o mero “desvio” em relação a uma norma de ação, tal como proposto pela perspectiva de Bourdieu.

Gênero e sociabilidade na vela

Para discutir a sociabilidade de gênero neste ambiente, esta não pode ser analisada sem algum nível de atenção aos aspectos mais gerais da sociabilidade deste grupo. Portanto, a construção de uma autoidentidade dos velejadores como sendo amigáveis, divertidos e abertos para os recém-chegados, ao lado da importância atribuída a atrair novos praticantes para um esporte que é constantemente referido como estando aquém do seu potencial de crescimento, podem ser considerados como responsáveis por parte desta situação que encontramos e que, com algumas diferenças, a maioria dos recém-chegados – homens ou mulheres – encontram quando iniciam a prática da vela.

Um dos espaços onde este tipo de sociabilidade se torna mais visível são os inúmeros churrascos que acontecem ao final de cada regata ou, algumas vezes, para celebrar aniversários de velejadores ou por qualquer outro motivo que possa reuni-los. Foi em um destes momentos que a força desta identidade de velejador – pensada como alguma coisa sem gênero – apareceu explicitamente para mim. Eu estava em um destes churrascos após

uma regata da classe Laser, a qual eu havia acompanhado desde o barco de um dos técnicos⁸, quando eu observei que Laura era a única mulher (ou, pelo menos, foi como eu a identifiquei naquele momento) ali, no meio de cerca de trinta pessoas.

Mas, quando eu falei com “ela”, perguntando “como você se sente sendo a única mulher aqui?”, “ela” respondeu que “eu nem tinha observado isso antes, mas é indiferente para mim, porque aqui não há homens ou mulheres, apenas velejadores”. Esta fala chamou minha atenção para similaridade com o modo pelo qual “ela” era identificada por vários homens daquele grupo, tal como meu primeiro instrutor Dee Dee⁹.

Em um sábado, após nossa aula, nós fomos a um restaurante em São Francisco¹⁰. Estávamos apenas, Dee Dee, Adriana¹¹ e eu. Ambos estavam curiosos sobre o que eu escrevia em meu caderno de campo durante os treinos e aulas¹² e tentavam aproveitar que éramos apenas nós ali para tentarem descobrir alguma coisa sobre isso. Eu disse que poderia dar um exemplo do que me interessava em campo, usando uma passagem relativa ao próprio Dee Dee, feita algumas semanas antes:

- “Você lembra um dia quando disse para alguém que estava começando a treinar na Laser que era para ele escorar como um homem?

- Lembro.

- Bem, isso é o tipo de coisa que eu escrevo no meu caderninho, seja para pensar sobre este tipo de prática corporal, seja para tentar entender as diferenças no estilo de treinamento, uma vez que eu penso que você usaria outros termos se fosse uma mulher”.

⁸ A Laser é uma classe na qual eu corria apenas ocasionalmente e nunca em competições estaduais como a que este comentário se refere.

⁹ Dee Dee foi o nome atribuído por Wacquant (2002) para seu técnico na academia de boxe na qual realizou sua pesquisa para escrever “De corpo e alma”. Como uma homenagem tanto a esta obra que me inspirou para este trabalho, quanto a quem conseguiu me ensinar os rudimentos da vela, de modo a me capacitar a desenvolver uma efetiva observação participante, eu adoto este pseudônimo para ele que, certamente, se reconhecerá aqui.

¹⁰ Todos os clubes de vela de Niterói se encontram na enseada de São Francisco, que é formada por praias com diferentes denominações (São Francisco, Charitas, Jurujuba e outras).

¹¹ Adriana havia começado a ter aulas há cerca de dois meses antes desta saída.

¹² Depois de algum tempo no campo eu comecei a tomar notas de forma pública, embora eu nunca tenha permitido sua leitura. Eu tomei essa decisão quando percebi que minha posição como pesquisador estava sendo secundarizada frente à identidade de velejador em que muitos começavam a me situar. Então, eu supus (o que teve alguma, embora não total eficácia) que anotar alguns dados de forma ostensiva poderia reforçar meu papel de antropólogo no campo.

Ele ficou um pouco embaraçado por um momento e, depois de alguns segundos, respondeu:

-“É que é mais difícil para mim quando é uma mulher. Eu não saberia como dizer para uma mulher ‘põe a bunda pra fora!¹³’, você entende?”

- Eu entendo, mas é a mesma coisa quando é com a Laura?

- Ah, não! Para ela nós podemos dizer qualquer coisa, porque você sabe como ela é.

- E como ela é?

- Ela é muito competitiva. Ela está sempre tentando melhorar. Então eu posso ser eu mesmo com ela, porque eu sei que ela vai entender.”

Através desse trecho emerge uma significativa diferenciação entre o modo pelo qual este técnico, ou muitos daqueles velejadores presentes no churrasco citado acima, identificam pessoas como Laura – com quem eles podem ser “naturais”, agindo e falando em um ambiente de sociabilidade “homogêneo” – e a forma pela qual lidam com outras, com quem eles se relacionam como “as mulheres que elas são”.

O que eu gostaria de ressaltar é que o fato de que Laura, como outras sobre as quais falarei com mais detalhe abaixo, não ser vista aqui como “mulher” não implica nenhum tipo de aproximação, como ocorre no senso comum, com insinuações de homossexualidade. O que acontece, em minha interpretação, é que estes são momentos nos quais podemos observar a explosão da categoria “mulher”, tal como teoricamente desenvolvido por Butler, deslocando a preponderância do corpo-natureza (sexo) para uma performance de gênero:

“Nos contextos lésbicos, a ‘identificação’ com a masculinidade que se manifesta na identidade ‘butch’ não é uma simples assimilação do retorno do lesbianismo aos termos da heterossexualidade. Como explicou uma lésbica femme, ela gosta que os seus garotos sejam garotas, significando que ‘ser garota’

¹³ Esta é uma expressão que nós ouvíamos todo o tempo, durante nossos treinos. Eu pude observar em meu próprio corpo e, mais tarde, em uma série de outros novatos (ou naqueles que estavam fazendo a transição da Optimist para a Laser) a dificuldade de escorar corretamente, deixando apenas parte das pernas dentro do barco (presas por uma tira chamada de alça de escora) e quase todo o corpo (incluindo a bunda) para fora, na posição a mais horizontal possível em relação à linha da água.

contextualiza e re-significa a ‘masculinidade’ numa identidade butch. Como resultado, essa masculinidade, se é que podemos chamá-la assim, é sempre salientada em contraste com um ‘corpo feminino’ culturalmente inteligível. (...) De modo semelhante, algumas mulheres heterossexuais ou bissexuais podem preferir que a relação de ‘figura’ e ‘fundo’ funcione na direção oposta – isto é, podem preferir que suas garotas sejam garotos. Neste caso, a percepção da identidade ‘feminina’ se justaporia ao corpo ‘masculino’ como fundo, mas, por meio desta justaposição, ambos os termos perderiam sua estabilidade interna e sua distinção um em relação ao outro” (2003: 177-178).

Eu não tive a oportunidade de acompanhar nenhuma reunião da diretoria deste clube, mas algumas coisas que Isabel, uma de suas diretoras, me disse durante uma entrevista que realizei com ela, me fazem pensar que também naquele contexto haveria uma sociabilidade homogênero:

- Como é, para você, ser a única mulher na diretoria?

- Para mim não tem diferença. Eu sempre estive nessa posição toda a minha vida. Eu sou engenheira de petróleo e fui a única mulher trabalhando em plataforma durante muitos anos. Então isso não existe para mim. Depois de terminar a faculdade, onde eu não era a única, mas uma das poucas mulheres fazendo Engenharia naquela época, eu trabalhei embarcada e era a única por lá. Então, eu nunca tive problemas sendo a única mulher em todos os locais onde estive e não poderia ser diferente aqui.

- Eu observei que existe um departamento feminino¹⁴ aqui. Qual a sua opinião sobre isso?

- Eu sou contra. Eu penso que isso é um preconceito. Nós não precisamos nem de um departamento feminino nem de um departamento masculino. As pessoas gostam de dizer que nós somos todas iguais, mas querem um departamento só para as mulheres também. Se é igual, então tem que ser realmente igual. Eu fui

¹⁴ O departamento feminino passou a se chamar, no novo organograma, departamento social. No entanto, quando da publicação deste livro, ele mantinha as mesmas características de ser composto apenas por mulheres (quase sempre esposas de membros da diretoria e não velejadoras).

educada em uma família na qual não existiam diferenças entre homens e mulheres, então eu não gosto deste tipo de discriminação”.

A partir desta entrevista e das referências que ela fez de sua vida profissional e familiar, entendo que a “naturalização” de sua presença na diretoria pode ser relacionada com uma performance masculina de gênero, mas uma performance que pode ser realizada tanto por homens quanto por mulheres e que não está diretamente conectada com qualquer tipo de orientação sexual. Se esta é uma interpretação válida, então é necessário pensar novamente sobre a “identidade de velejador”, expressada antes por Laura, não como uma identidade de gênero neutra, uma vez que ela está – no discurso e na prática da maioria daquelas pessoas – associada com aspectos socialmente percebidos como masculinos, mas como uma identidade unissex. Isto porque ela se apresenta como acessível, naquele contexto, apenas para aquelas mulheres que “são como homens” e para aqueles homens que compartilham desta identidade de gênero que é entendida como “naturalmente masculina”. Assim, as “mulheres que são como mulheres” deveriam estar no “departamento feminino”, o qual era responsável pela “integração das crianças e famílias na vida social do clube” ou, em outras palavras, um departamento para “esposas e mães”.

Como antropólogo, é a partir destes “pontos de vista nativos” que busco construir minhas interpretações. Ao mesmo tempo, sou consciente de que estes pontos de vista aos quais tive acesso não são estáveis e homogêneos e que foram construídos em uma série de interações entre estes velejadores e eu, em contextos específicos. Então, embora concordando com a afirmação de Geertz (1989), eu penso que cabe explicitar que antropólogos interpretam não as interpretações nativas simplesmente (sejam de primeira, segunda ou qualquer outra mão), mas interpretam interpretações originadas de encontros etnográficos específicos. Isto poderia parecer apenas um preciosismo, mas entendo que afeta diretamente uma importante diferença entre a concepção de dados etnográficos como sendo “coletados” – uma vez que eles não existiriam em si mesmos – ou a que compartilho de que os dados são construções realizadas em interações contextuais e teoricamente orientadas.

Para construir as minhas interpretações sobre as questões de gênero neste grupo de velejadores, portanto, estou seguindo as teorias sobre identidade formuladas por Simon (1979) e Barth (1995) e tentando criar uma conexão entre estas teorias e os conceitos de

Butler (2003) sobre gênero. É a partir destes referenciais que falo, aqui, sobre as sociabilidades “homogênero” e “heterogênero” nestas interações que venho analisando, com as quais busco dissociar radicalmente sexo e gênero.

Então, em minha etnografia, eu encontrei “mulheres” como Laura, Isabel e Marisa quem, em diferentes modos e contextos, afirmaram suas “auto identidades” que foram construídas em oposição ao “gênero feminino tradicional” ou, nas palavras de Marisa, “eu não sou uma mulher como ela”. Encontrei, também, mulheres como Sheila, cuja “auto identidade” me foi apresentada como em oposição a sua irmã (Jaqueline):

“Ela é muito competitiva e eu não sou. Ela sempre tentou ser a número um em tudo e eu gosto mais de viver a minha vida. Esportes, não apenas a vela, e tudo o mais que ela praticou sempre foram para atingir a alta performance, enquanto para mim sempre foi mais como um lazer. Eu adoro velejar, mas gosto muito mais porque eu posso apreciar vistas como estas do que para vencer [neste momento, estando ambos dentro do barco bem no meio da Baía da Guanabara, tínhamos uma vista que eu também considerei deslumbrante da cidade do Rio de Janeiro]. Eu não sei, mas eu acho que ela é muito mais como o filho que meu pai não teve; um filho mulher, mas que é muito mais parecido com o nosso pai, enquanto eu sou muito mais como a nossa mãe”.

Sheila, então, performatiza uma identidade de gênero que se distingue tanto das “esposas e mães” que não velejam, quanto das mulheres que velejam competitivamente. Em alguns churrascos comemorativos, essas diferentes identidades eram visualmente demarcadas pelos espaços de sociabilidade, que caracterizavam o que estou definindo como sociabilidade por gêneros e não por sexos. Assim, na roda mais próxima ao churrasqueiro, ficavam os velejadores mais competitivos – muitos homens e algumas mulheres – conversando sobre regatas e outras coisas referentes a barcos em um ambiente de sociabilidade “homogênero”; ao redor destes, ocasionalmente conversando entre si e, na maior parte das vezes, ouvindo o primeiro grupo, era possível encontrar aquelas pessoas – raros homens e poucas mulheres – que velejavam, mas não se viam como “competitivas” (tais como Sheila) e que são, em sua grande maioria, parentes de velejadores do primeiro

grupo. Por fim, geralmente sentadas nas mesas próximas, conversando entre si e cuidando dos filhos pequenos, estavam as esposas dos velejadores (importante salientar que nunca os maridos das velejadoras – que, ou eram velejadores também ou não estavam presentes ou, muito ocasionalmente, ficavam ao lado de suas esposas, acompanhando as conversas – eram vistos nestas mesas), em outro ambiente de sociabilidade “homogênero” (e aqui, também, “homosexo”).

Esta distinção entre uma sociabilidade marcada por sexo ou por gênero, em um destes churrascos que acompanhei, ficou ainda mais evidente quando conversei com uma de minhas orientandas que, por indicação minha, havia ficado pesquisando uma destas mesas. Embora houvesse uma razoável diferença de idade entre ela – com seus vinte anos de idade – e a maioria das outras mulheres ali presentes, não era, também, a única pessoa aquém dos trinta anos. Entretanto, como ela se expressou depois para mim – “acho que eu nunca me senti tão desconfortável em uma mesa só com outras mulheres” -, era flagrante que a sua presença ali criava um ambiente de sociabilidade “heterogênero”, tal como muitas vezes ocorre quando antropólogas pesquisam grupos de mulheres que, embora compartilhem do mesmo sexo, possuem identidades de gênero muito diferentes¹⁵.

Estas distinções também se notavam no que Simon definiu como sendo a “exoidentidade”, ou seja, como estes diferentes grupos eram vistos e nomeados. Assim, como vimos no decorrer deste trabalho, homens como Dee Dee confirmavam estas identidades, enfatizando a possibilidade de uma sociabilidade comum (“homogênero”) com pessoas como Laura, Isabel, Marisa e Jaqueline, porque elas seriam um tipo diferente de mulher e as distinguem de outras como Sheila, que poderiam velejar também, mas com as quais compartilhariam uma sociabilidade “heterogênero”, expressada por uma contenção da sua forma “natural” de conversar.

A dimensão contextual destas identidades e o impacto que esta tem sobre os limites e as possibilidades desta sociabilidade entre pessoas de diferentes sexos e de, contextualmente, mesmo gênero fica mais evidente quando contrasto dois tipos diferentes de passeios que vários destes homens organizam em seus barcos.

¹⁵ Abu-Lughod (1999) em sua pesquisa entre os beduínos e Kondo (1990), em seu trabalho no Japão, relatam algumas experiências de sociabilidade “heterogênero” em grupos só de mulheres, embora sem usar este conceito.

No primeiro tipo, do qual eu mesmo pude participar ocasionalmente, homens e mulheres eram convidados em base, fundamentalmente, das relações de amizade existentes. Em um deles, por exemplo, fomos para as ilhas Cagarras¹⁶ para nadar, mergulhar e, no percurso, velejar um pouco sem compromissos de treinos ou regatas. Éramos cinco homens e uma mulher (Adriana) naquela ocasião, mas vivenciando a situação em que estou chamando de “sociabilidade homogênero”. Adriana era uma mulher solteira, em torno de vinte e cinco anos de idade, e era visível que, durante boa parte do passeio, havia uma atmosfera de flerte entre ela e o restante do grupo. Entretanto, era igualmente observável que estas insinuações não expressavam uma real intenção por “ficar”, pelo menos naquele momento, desde que, se isso ocorresse, poderia afetar o contexto de um programa entre amigos. Nesta situação, as brincadeiras que eram trocadas lembravam mais a jocosidade de cunho sexual (embora de forma menos explícita) que marca muitos espaços de sociabilidade masculina¹⁷.

Este caso em particular nos impõe a necessidade de ressaltar a ênfase sobre o aspecto contextual destes relacionamentos. Isto é, naquele momento específico, o passeio foi pensado em termos de convidar pessoas que compartilhassem os valores dessa sociabilidade entre pares, aqui representada pela jocosidade sexual, uso de palavrões, consumo de álcool (mantido o limite da embriaguez que, normalmente, não é bem vista nestas situações) e, muito importante, a ausência de relação sexual entre os parceiros. O fato de Adriana ser uma mulher considerada atraente por alguns velejadores daquele clube, como eu ouvi por algumas vezes durante meu trabalho de campo, bem como ela mesma demonstrar sentir atração por alguns deles também¹⁸, era apenas um “detalhe agradável” no momento daquele passeio, mas nunca a principal razão para a sua presença ali. Com isto, quero afirmar que a “sociabilidade homogênero” não implica na anulação da percepção de que são homens e mulheres que estão em relacionamento naquele contexto, mas coloca esta diferenciação entre os sexos em uma posição secundária frente a uma igualdade ou proximidade das identidades de gênero ali envolvidas.

¹⁶ Uma pequena ilha, pouco mais que um rochedo, situada defronte à praia de Copacabana.

¹⁷ Para mais detalhes sobre este tipo de jocosidade ver, entre outros, Vale de Almeida (1998).

¹⁸ Embora não considere que a eventualidade de ter tido algum relacionamento durante o campo pudesse vir a inviabilizá-lo, optei por enfatizar, durante todo o período no campo, uma posição de me colocar fora destes jogos de sedução que, ocasionalmente, aconteciam naquele espaço – afinal, um local de esporte e lazer, no qual muitas pessoas, solteiras ou não, compartilhavam interesses e valores. Esta decisão foi reforçada, quase um ano depois de iniciado o trabalho de campo, quando iniciei um relacionamento e, depois de estabelecida em campo, me possibilitou também ouvir algumas confidências sexuais e amorosas entre alguns velejadores.

Muito diferente é o segundo tipo de passeio que eles organizam e para o qual eu nunca fui convidado, pelos motivos que apresentei acima, mas dos quais eu ouvi diversas histórias e, algumas vezes, estive presente quando eram combinadas. Nestes, apenas um reduzido número de pessoas era convidado – não mais do que dois ou três e nunca uma mulher (ou, ao menos, eu nunca ouvi sobre isto ter ocorrido) do clube era chamada. Aqui, o propósito explícito era usar o barco como um local para encontros sexuais com mulheres que eram conhecidas em casas noturnas ou outros locais nos quais grupos de velejadores frequentavam, no Rio de Janeiro ou Niterói, quando saíam em grupos ou sozinhos. Nestas ocasiões, sexo e gênero eram determinantes na definição de quem seria ou não convidado, uma vez que se apenas homens o eram, não qualquer homem poderia ser chamado para uma saída como estas. Assim, compartilhar determinadas noções de masculinidade era requisito central para participar – entre as quais o respeito a um código de para quem se poderia comentar sobre o que ocorria nestas situações, era um dos centrais – ou mesmo para compartilhar da sociabilidade posterior nas quais estas situações eram rememoradas e, em geral, recontadas como forma de competição jocosa entre seus participantes. No limite, a presença de alguns homens, críticos a este tipo de comportamento, poderia instaurar uma situação de sociabilidade “heterogênero”, nas quais certas esferas da vida não eram compartilhadas em comum.

Ambos os tipos de passeio, por sua vez, apontam para um elemento em comum de que estas esferas de sociabilidade, bem como parte significativa da vida social e esportiva neste clube, são regidas por elementos que muitos autores denominam de “masculinidade hegemônica”, um conceito que eu recuso por duas razões principais. A primeira é que neste conceito (Connell, 1982; Kessler, 1982), a identidade de gênero – principalmente a masculina heterossexual – é pensada como uma essência, não como contextualmente construído. Bem, no grupo pesquisado, na quase totalidade dos casos, as mesmas pessoas deste grupo de velejadores, transitavam entre diferentes identidades de gênero (incluindo esta identidade masculina presente nos passeios de cunho sexual) sem grandes dificuldades. Mas, ainda mais relevante, os próprios ideais culturais de masculinidade são fortemente contextuais. Assim, determinadas expressões e valores associados ao “masculino” podem ser positivados quando associados com grupos de velejadores ou tomados como negativos, quando pensados em relação aos valores relacionados aos “lancheiros” e, neste sentido, rechaçados.

Isto implica, por outro lado, a inexistência de um padrão minimante estável de masculinidade que possa ser tomado como “hegemônico”, uma vez que os dois grupos principais que atuam neste contexto – velejadores e lancheiros – não reconhecem os valores de gênero do “outro” como ideais. Deste modo, parte fundamental da definição deste conceito, tal como apresentado na reformulação do mesmo (Connell e Messerschmidt, 2013), não se aplicaria:

“A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (2013: 241).

A segunda razão pela qual eu questiono este conceito de “masculinidade hegemônica” diz respeito exatamente a esta questão da “subordinação global das mulheres aos homens”. Sem negar a existência de uma série de subordinações particulares, nas quais grupos de mulheres estão submetidos a determinados grupos de homens, entendo que não se pode – de um ponto de vista conceitual – transpor estas situações para uma noção abstrata de “subordinação global”. Mesmo Ortner (1996), em sua revisão – vinte anos depois – do seu clássico artigo sobre as oposições homem/mulher – cultura/natureza, ainda que de forma tímida, problematiza esta generalização que, como Butler indica, acaba por naturalizar os conceitos de “homem” e “mulher”, deslocando-os de sua construção histórica e cultural.

Além disso, este tipo de formulação muitas vezes ignora a agência das mulheres que, como procurei indicar neste trabalho, constroem múltiplas formas de afirmar suas opções. Seja participando de um espaço competitivo que é majoritariamente composto por homens, seja usufruindo da vela como um momento de lazer o que, reitero, não deve ser visto como resultado de uma exclusão deste espaço (pelo contrário, há incentivos recorrentes a maior participação de mulheres nas regatas) e sim como uma afirmação de outro conjunto de valores, nos quais o aspecto da competição não adquire um significado tão elevado.

Assim, como procurei desenvolver aqui, penso que as relações de poder existentes na vela, sem ignorar o peso simbólico das construções de “homem” e “mulher” na nossa

sociedade, como afirmou Yanagisako (1988), devem ser interpretadas muito mais à luz das relações de gênero do que nas dicotomias de sexo. Para isso entendo que os conceitos de sociabilidade “homogênero” e “heterogênero” podem contribuir na superação destas dicotomias.

Bibliografia

ABU-LUGHOD, Lila. *Veiled sentiments: honor and poetry in a Bedouin society*. Berkeley: University of California Press, 1999.

BARTH, Frederik. 1995. Les groupes ethniques et leurs frontières. In: S. Poutignat (org.), *Théories de l'ethnicité*. Paris: Le sociologue. pp. 203-249.

BOURDIEU, Pierre, “Esboço de uma teoria da prática”, in Ortiz, Renato (org.) *Coleção grandes cientistas sociais*, vol. 39. São Paulo, Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre, *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Robert et al. *Making the Difference: Schools, Families and Social Division*. Sydney, Australia: Allen and Unwin, 1982.

CONNELL, Robert ; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica : repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2 1(1): 424, jan-abr, 2013.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

KESSLER, Suzanne et al. *Ockers and Disco-maniacs*. Sydney, Australia: Inner City Education Center, 1982.

KONDO, Dorinne. *Crafting selves: power, gender, and discourses of identity in a Japanese workplace*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEAL, Isis. *Construindo um velejador: relações de corporalidade, gênero e transmissão familiar do esporte entre atletas da classe Optimist*. Monografia de conclusão de graduação em Ciências Sociais. Niterói. Universidade Federal Fluminense, 2013.

MENDONÇA, Sara. *Crescimento, corporalidade e identidades de gênero entre velejadores da classe 420*. Monografia de conclusão de graduação em Ciências Sociais. Niterói. Universidade Federal Fluminense, 2010.

NOLTE, Mariana. *Projetos individuais e projetos familiares: continuidade e ruptura na transmissão familiar da vela*. Monografia de conclusão de graduação em Ciências Sociais. Niterói. Universidade Federal Fluminense, 2014.

ORTNER, Sherry. *Making gender: the politics and erotics of culture*. Boston: Beacon Press, 1996.

ROJO, Luiz Fernando. *Os Diversos Tons do Branco: relações de amizade entre estudantes de Medicina*. Rio de Janeiro: Litteris, 2001.

ROJO, Luiz Fernando. *Vivendo 'nu' paraíso: comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol*. Rio de Janeiro: Dígrafo, 2012.

SIMON, Jean-Pierre. 1979. Aspects de l'ethnicité bretonne. *Pluriel-débat*. 19: 23-43.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de século, 1998.

YANAGISAKO, Sylvia, Sex and gender. *First Annual Meeting of the Society for Cultural Anthropology*, Washington, 1988.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.